

CACHORRO BOM É CACHORRO MORTO

Franz Ícaro de Sá Silva*

Não peço perdão para as pessoas criminosas, elas não merecem. Falharam no desenvolvimento de suas habilidades humanas (sociais). Digo isso pelo simples fato de haverem pessoas, ainda numa proporção bastante superior, que embora sujeitas as mais degradantes condições de vida (existência), não se embruteçam ao ponto de se tornarem violentas contra seus semelhantes. Quer seja se resignando, se rebelando contra o sistema ou simplesmente se esforçando para sobreviver a cada dia, essa maioria se esforça para viver sem prejudicar as outras pessoas.

Gritar porém, "bandido bom é bandido morto" é algo que certamente não farei. Embora já o tenha feito, admito, hoje me permito fazer outros tipos de análise. Ainda que eu diga que não merecem perdão por seus **atos criminosos**, reconheço que se faz mais necessário condenar e eliminar a causa do surgimento dos **crimes**.

Para separar a causa dos crimes dos atos dos criminosos, necessito despojar o ser humano de certas supostas faculdades subjetivas. Refiro-me a analisar o ser humano como um mero animal que desenvolveu o intelecto e a razão. Falo isso para não adentrar os campos da ética, da moral ou das crenças, sejam elas filosóficas, científicas ou religiosas. Imaginemos seres humanos apenas como animais inteligentes, e que usam essa inteligência e raciocínio para instrumentalizar a técnica.

Vejam, utilizando outro animal não como comparação mas sim como alegoria, de que forma podemos avaliar o caso da crescente violência nas sociedades. Tomemos então, num tempo distante, o caso do cão raivoso, aquele com *hidrofobia*, ou seja, doente, vítima de um vírus. O ser humano ancestral vê sua companhia canina mudar de hábitos e aparência. De repente passa de dócil e amável para violento e "louco". Desfigurado pela espuma na boca. Naqueles tempos idos o ser humano reconhece o perigo que aquela criatura representa. Possui no entanto apenas duas opções: foge do perigo, procura evitá-lo, protege-se; ou então procura eliminar fisicamente o perigo e parte para o ataque. Tendo suas crias pequenas sob a ameaça da fera, a segunda opção é geralmente a mais escolhida.

* Licenciado em Biologia (UFPI); Esp. em Ed. Cultura e Identidade Afrodescendente (IFARADÁ/UFPI); membro do GEAPI (Grupo de Estudos Anarquistas do PI); Professor da rede pública de ensino; pessoa descontente, inquieta, inconformada...

Acontece que aí se torna uma loteria, onde é impossível saber quem irá ganhar. Constantes vão se tornando os ataques bem sucedidos de cães raivosos. As revanches vão se intensificando. Em alguns casos sacrificam-se todos os cães não se permitindo mais que se possua um; noutros criam-se grupos especializados em recolher e exterminar. As vezes as pessoas também adoecem, vítimas desses confrontos, o que via de regra é fatal. Animais silvestres também aparecem doentes. Lobos raivosos atacam. E a guerra vai se travando no estilo das guerras longas. Os seres humanos porém, possuem uma arma diferenciada nesse confronto. Podem contar com a razão.

Superados os períodos em que ancestralmente se fugia, atacava e eliminava ou rezava suplicando proteção contra a raiva dos cães raivosos; agora os seres humanos "estudam" o **caso**. Não concentram seus esforços em eliminar todos os cães raivosos do mundo inteiro, nem em eliminar todos os animais que poderiam transmitir a raiva para a humanidade, isso seria um absurdo. Certamente haveriam de descobrir o que *enlouquece* os animais. Descubrem o vírus, a doença, a vacina. Imunizam as populações.

Em todos os cantos do mundo pessoas de todas as idades convivem harmoniosamente com variadas raças de cães. Se eventualmente um ou outro animal, de uma forma ou de outra é contaminado, aí sim, recorre-se a sua retirada do ambiente comum. Recorre-se ao sacrifício por não haver ainda uma cura eficiente. Reforçam e intensificam as campanhas para que não hajam mais cães raivosos, ou seja, para que eles não **surjam**, não para eliminá-los depois de raivosos. Fala-se em proteger seu animal de estimação, contra a doença. Não em exterminá-los.

Qual teria sido o resultado se por acaso tivéssemos destinado todas as nossas energias, alimentadas pelo ressentimento por todas as vítimas de cães raivosos, na eliminação física de todos os mamíferos que pudessem contrair ou transmitir a raiva? É possível imaginar um cenário positivo se este tivesse sido o caminho? Conseguiríamos vencer essa guerra, usando essa estratégia? Se sua resposta for não, se imaginar uma caçada aos cães, lhe soa como algo irracional, porquê diabos devemos proceder exatamente com esse tipo de raciocínio com os de nossa espécie?! Cão bom é cão morto! Porque seria preciso dizer isso, visto que qualquer cão poderia vir a se tornar um cão raivoso. Nada disso! Atacamos a causa, o vírus.

Bandido bom é bandido morto. Ah agora aí sim, vamos matar todos os **seres humanos** bandidos, sem exceção, e não importando quantas vítimas surgirão em todos os lados. Para um cachorro nós procuramos uma cura, mas bandidos não merecem nada além da morte. Será que estes bandidos raivosos se permitiriam ser eliminados sem resistência? Nenhum cão ou lobo raivoso sucumbiu sem tentar, ou conseguir, fazer vítimas entre humanos. Caçar os bandidos raivosos, a meu ver, só pode levar a uma guerra (na verdade já levou, já vivemos em guerra).

Não seria mais inteligente atacar a causa? Não seria mais **racional** procurar a vacina ao invés de incentivar o extermínio? Trabalhar e direcionar os esforços para que não surjam pessoas criminosas, não seria este o caminho? Porque será então que tanta gente, tanto recurso, tanta inteligência e tecnologia são utilizados apenas para atacar os efeitos (as pessoas criminosas), nunca para eliminar as causas que levam ao surgimento dos atos destas pessoas? Porque só nos preocupamos em atenuar os sintomas (aumentar a segurança, eliminar criminosos) ao invés de curar a doença? A quem isso serve, quem ganha com essa guerra, qual seria essa causa, essa doença, esse vírus social? Que lado tomaremos, para onde direcionaremos nossos esforços?